



revista cristã
última chamada

Oração
do **Pai nosso** e
Pós-milenismo

César Francisco Raymundo

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CRAD MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

Separando a Ficção
da Realidade

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Oração do Pai Nosso e Pós-milenismo

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Oração do Pai nosso e Pós-milenismo

Autor: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada
- Edição de Outubro de 2024 –

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem de Benjamin Balazs por Pixabay.com)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Índice

Sobre o autor	08
Introdução	
A base de todas as nossas orações!	09
Capítulo 1	
Pai nosso que estás no Céu, santificado seja o teu Nome...	10
Capítulo 2	
Venha o teu Reino...	14
Capítulo 3	
... seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu...	18
- ...como no Céu...	20
Capítulo 4	
...o pão nosso de cada dia nos dá hoje...	24
Capítulo 5	
... e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós também temos perdoado aos nossos devedores...	26
Capítulo 6	
...e não nos deixes entrar em tentação; mas livra-nos do mal...	29

Conclusão

Porque teu é o reino e o poder,
e a glória, para sempre, Amém. 32

Adendo

Oração Pós-milenar 35

Obras importantes para pesquisa... 39

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

- Introdução -

A base de todas as nossas orações!

Desde a minha infância, sempre ouvi que a oração do Pai Nosso deveria ser recitada da forma como o Senhor nos ensinou, e que, ao fazer isso, já estaríamos apresentando uma oração com pedidos e intenções. Com o tempo, aprendi que, na verdade, ela funciona como um modelo, dividido em partes que nos mostram como nossas conversas com Deus devem começar com louvor, seguidas de petições, e, por fim, culminar em uma exaltação final ao Pai. No entanto, foi através do estudo do Pós-milenismo que compreendi que, apesar de sua estrutura simples e concisa, a oração do Pai Nosso carrega profundos insights sobre a visão pós-milenar. Em poucas palavras, essa oração revela de maneira surpreendente o quão alinhada ela está com essa perspectiva, mais do que jamais imaginamos.

Embora a oração do Pai nosso seja a essência de todas as nossas orações, uma instrução direta de Cristo sobre como nos comunicarmos com Deus, essa oração nos chama a orar pelo avanço de Seu reino, para que Sua vontade seja feita na Terra assim como é no Céu. O Pai nosso além de ser uma oração é também uma profecia que precisa ser cumprida integralmente. É uma oração que nos impulsiona a agir com esperança. Devemos orar, mas também agir.

- Capítulo 1 -

Pai nosso que estás no céus, santificado seja o teu Nome

A Oração do Pai Nosso começa com louvor a Deus, nosso Pai. Estamos diante de uma petição de Jesus, que nos ensina a invocar a ação de Deus Pai. Não se trata apenas de afirmar que o Nome de Deus é santificado, mas de pedir que Seu Nome santo seja reconhecido entre os homens.

O início da Oração é um apelo para que, por meio da ação de Deus, todas as pessoas do mundo possam saber que Ele é “santo e terrível” ao enviar Sua redenção na história (Salmo 111:9):

“Enviou ao seu povo a redenção; estabeleceu para sempre a sua aliança; santo e tremendo é o seu nome”.

A primeira petição da Oração do Pai Nosso não é apenas um convite para que a humanidade confesse o santo nome de Deus. É um chamado para que Deus se torne poderosamente conhecido e temido em toda a Terra. Isso é evidente desde o momento em que os filhos de Israel saíram do Egito, quando Deus disse a Faraó:

“Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra”.

- Romanos 9:17

Devido ao episódio do êxodo é certo que através de Faraó o Nome de Deus veio a ser conhecido e temido em todo o mundo conhecido da época, pois para Malaquias Deus disse:

“Mas, desde o nascente do sol até ao poente, é grande entre as nações o meu nome; e em todo lugar lhe é queimado incenso e trazidas ofertas puras, porque o meu nome é grande entre as nações, diz o Senhor dos Exércitos.

...porque eu sou grande Rei, diz o Senhor dos Exércitos, o meu nome é terrível entre as nações”.

- Malaquias 1:11, 14b

Este texto de Malaquias também contém uma profecia que aponta para a era do Messias, quando todas as nações se lembrarão do Senhor:

“Lembrar-se-ão do Senhor e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações”.

- Salmo 22:27

Embora Deus tenha se revelado desde a antiguidade para que as pessoas pudessem ser salvas (Atos 14:15-17), a Grande Comissão só se tornaria completa e eficaz por meio do evangelismo e do discipulado realizados pela Igreja. Por isso, a petição do Senhor na Oração do Pai Nosso indica que o nome de Deus não é devidamente reverenciado em todo o mundo - como deveria ser -, pois a grande maioria da humanidade ignora a glória de Deus, suprimindo a verdade em injustiça, ou a desafia abertamente. Essas pessoas permanecem incrédulas e, assim, estão cegas para a glória divina. No entanto, ao refletirmos sobre o contexto do Antigo Testamento, percebemos que essa petição se relaciona à poderosa ação de Deus em defender e exaltar Seu santo nome entre as nações.

Sobre este assunto, o Dr. Kenneth Gentry Jr. escreveu:

“Em Ezequiel 36:22–23 vemos esse entendimento claramente exibido: “Portanto, dize à casa de Israel: Assim diz o Senhor Deus: Não é por amor de vós, ó casa de Israel, que estou prestes a agir, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes. Eu vindicarei a santidade do meu grande nome, que foi profanado entre as nações, o qual profanastes no meio delas. Então as nações saberão que eu sou o Senhor”.¹

O objetivo final é que em toda a humanidade “bendito seja o nome do Senhor, agora e para sempre” (Salmos 113:2), pois conforme todo pós-milenista enfatiza, antes do retorno de Cristo, haverá um período de crescente justiça e santidade na Terra, onde o Nome do Senhor será amplamente reconhecido e reverenciado. A santificação do nome de Deus se relaciona com a transformação dos povos por meio do Evangelho, resultando em um mundo onde a glória de Deus é evidente.

Um versículo que confirma isso é o Salmo 72:19, que diz:

“Bendito seja o seu nome glorioso para sempre; que toda a terra seja cheia da sua glória”.

Isso sugere que a manifestação da glória de Deus será visível em toda a Terra.

Além disso, Isaías 11:9 afirma:

“Não farão mal nem destruirão em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar”.

¹ THE LORD’S POSTMILLENNIAL PRAYER. By Kenneth L. Gentry, Jr. Site: <https://postmillennialworldview.com/2024/10/08/the-lords-postmillennial-prayer/#more-20658> Acessa dia 10/10/2024

Isso indica que, durante o Reinado de Cristo, haverá uma ampla compreensão e reconhecimento de Deus.

Portanto, no contexto pós-milenista, a santificação do nome do Senhor é vista como um processo progressivo, onde a Verdade e a Justiça de Deus prevalecerão, trazendo uma era de paz e reverência global.

- Capítulo 2 -

Venha o teu Reino...

A primeira petição do Pai Nosso, “santificado seja o teu nome”, serve como uma introdução à segunda: “Venha o teu reino” (Mateus 6:10a). Durante o ministério terrestre de Cristo, a proclamação do Reino de Deus foi uma constante. Ao pedir que o Reino do Pai “venha”, essa oração expressa um clamor a Deus para que Ele se revele gloriosamente e estabeleça Seu Reino.

Muitos interpretam que essa petição será respondida no futuro, depois da Segunda Vinda de Cristo. Na expectativa futura são usados textos como Mateus 25:34; Lucas 12:32; 1ª Coríntios 15:50; 2ª Pedro 1:11).

Mas é também um fato que o Reino de Deus já veio na primeira Vinda de Cristo (Mateus 12:28; 21:31; Marcos 10:15; Colossenses 1:13). O Senhor também declarou para os seus contemporâneos que “o reino de Deus está no meio de vós” (Lucas 17:21), pois Sua presença estava entre eles. Muitas vezes João Batista e o próprio Senhor Jesus ensinavam para os seus ouvintes se arrependem porque o Reino de Deus estava próximo, isto é, dentro daquela geração:

“Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus”.

“Daí por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus”.

“...e, à medida que seguides, pregai que está próximo o reino dos céus”.

- Mateus 3:2; 4:17; 10:7

E o que estava próximo acabou se tornando realidade naqueles dias do ministério do Filho do Homem:

“Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós”.

- Mateus 12:28

O teólogo Michael Warren escreveu:

“Os dispensacionalistas dizem que o reino de Cristo não virá até o Milênio. Mas Cristo anunciou que Seu reino estava próximo e que Ele o inaugurou com sucesso por meio de Seu ministério terreno, morte, ressurreição e ascensão. A Igreja, Seu corpo, reina com Ele. Os eventos entre Sua primeira e segunda vinda são uma operação de limpeza da vitória de Cristo sobre Satanás em Sua primeira vinda. A plenitude do reino não vem de uma só vez, mas cresce gradualmente, com vários momentos de surtos de crescimento e poda, até o Juízo Final. Assim como a vida cristã individual inclui três aspectos da salvação: justificação, santificação e glorificação (Filipenses 1:6, 2:12; Romanos 8:30; 2ª Coríntios 3:18); assim também a Igreja e o Reino de Deus na história têm uma vitória definitiva, progressiva e consumada.

Os dispensacionalistas dizem que Cristo serve como sacerdote na Era da Igreja, mas depois se torna rei no Milênio, governando sobre as nações. Na visão pós-milenista, Cristo ocupa ambos os ofícios ao mesmo tempo, como Melquisedeque. A Segunda Vinda é o ápice do processo de salvação (Hebreus 9:28). Em Seu retorno, Cristo deixa Sua função sacerdotal de intercessão no santuário celestial (Hebreus 6:19-20, 7:25; Romanos 8:34); o casamento, o nascimento

e a morte cessam (Lucas 20:35-36); e o Julgamento Final ocorre no qual cada membro da humanidade é aceito em sua morada eterna de bênção ou condenação celestial (Mateus 25:31-46; 1ª Coríntios 15:23-28; Apocalipse 20:11-15)".²

O teólogo Kenneth Gentry Jr. está alinhado ao mesmo pensamento:

“Jesus ensina em muitos lugares que o reino se concretizará lentamente na história. Ele se desdobrará gradualmente no tempo e na terra, movendo-se em direção a uma grande conclusão à medida que Deus responde à oração de seu Filho. Vemos isso, por exemplo, nas parábolas dos solos (Marcos 4:3–8), da semente plantada (Marcos 4:26–29), da semente de mostarda (Marcos 4:30–32) e do fermento (Mateus 13:33). Consequentemente, vemos isso esperado em seu chamado para fazer discípulos de todas as nações (Mateus 28:18–20)".³

O teólogo Larry Ball também resume muito bem o processo de crescimento do Reino de Deus:

“Por outro lado, os defensores da Teologia do Domínio citam textos como Habacuque 2:14 que diz: "Pois a terra se encherá do conhecimento da glória do SENHOR, como as águas cobrem o mar". E também citam que o Reino de Deus é como um grão de mostarda que é pequeno quando é plantado, mas cresce tornando-se uma árvore, de modo que "as aves do céu vêm e se aninham nos seus ramos" (Mateus 13:32). O fermento é muito pequeno, mas se multiplica com um poder fenomenal (Mateus 13:33). Também devemos negociar até que Ele venha (Lucas 19:13). Devemos orar para que o reino de Deus venha, e as evidências da presença de seu reino é que a vontade de Deus está sendo feita na terra como é feita

² O tema da vitória nas Escrituras. Mike Warren. Site: https://www.christianciv.com/eschatology_bs_Sect2.htm#Kingdom_in_World
Acessado dia 10/10/2024

³ Idem nº 1.

no céu (Mateus 6:10). O reino é maior do que a igreja. Os cristãos devem deixar as especulações destruindo toda fortaleza que se ergue contra o conhecimento de Deus, e estamos levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo (2ª Coríntios 10:5). Por fim, devemos esperar ter sucesso em nossos esforços (Mateus 28:18-20)”⁴.

Diante do que vimos até agora nas Escrituras Sagradas é fato que, ao voltar, Jesus encontrará a Igreja tendo cumprido sua missão de discipular todas as nações (Mateus 28:18-20). Isso não faz com que oremos menos a Oração do Pai Nosso do que os cristãos da Igreja Primitiva. Devemos orar essa oração mais do que nunca e com mais fervor. Sempre que vemos algum evento fora do que deveria ser, devemos clamar para que o Reino de Deus venha fazendo com que a vontade de Deus se realize aqui na Terra como no Céu.

Acredito firmemente que o reino de Deus está se expandindo vigorosamente desde os dias de João Batista, e que pessoas destemidas estão se apropriando dele (como exposto em "Um Reino Avançando com Força"). Estou convencido de que o reino de Deus irá se espalhar ainda mais sobre a Terra, e a vontade de Deus será cada vez mais realizada aqui como no Céu. Creio que quando oramos o Pai nosso, Deus nos escuta e age.

Sou pós-milenista porque acredito que Deus quer responder à oração do Pai Nosso e que a Grande Comissão de fazer discípulos de todas as nações será cumprida. Temos todo o poder a nosso favor, pois toda autoridade foi concedida a Jesus no Céu e na Terra. Isso não me faz relaxar, mas me motiva a avançar com ainda mais paixão e confiança.

⁴ Teologia do Exílio x Teologia do Domínio: Porque Isso Afeta Tanto à Vida dos Cristãos e o Mundo? Larry Ball. Site: https://www.revistacrista.org/Reino_teologia_do_exilio_x_teologia_do_dominio.htm Acessado dia 10/10/2024

- Capítulo 3 -

...seja feita a tua vontade,
assim na terra como no céu

Quando Jesus desceu do monte, muitas pessoas o seguiram. Então, um leproso se aproximou, adorando-O, e disse: “Senhor, se quiseres, podes me purificar”. Jesus estendeu a mão, tocou-o e respondeu: “Estou disposto; seja purificado”. Imediatamente, o leproso foi curado (Mateus 8:1-3).

O Reino de Deus representa a vontade Divina sendo cumprida na Terra como no Céu. Ao descer do monte, o leproso perguntou a Jesus se Ele queria curá-lo. Ele não duvidava do poder de Jesus, mas queria saber qual era a vontade de Deus. A cura do leproso mostrou que a vontade de Deus estava sendo realizada na Terra, pois no Céu não existe doenças e aqui na Terra também não deve existir.

O episódio do leproso nos mostra que aquela foi a única vez que alguém questionou Jesus sobre sua disposição para curar, e Ele respondeu que estava e está disposto. O homem foi, então, curado da lepra e a vontade de Deus foi feita na Terra, ainda que parcialmente.

Em seguida, Jesus foi a Cafarnaum, onde um centurião romano pediu que curasse seu servo, que estava paralisado em casa. Novamente, Jesus demonstrou a prontidão do Céu em se manifestar na Terra, dizendo: “Eu irei curá-lo” (Mateus 8:5-13).

Na sequência da narrativa, Jesus foi à casa de Pedro, onde a sogra dele estava com febre. Ele tocou a mão dela, e a febre a deixou (Mateus 8:14-15). À noite, muitas pessoas foram até a casa trazendo endemoninhados e doentes, e Jesus expulsou os demônios e curou todos os enfermos (Mateus 8:16-17). Assim, a vontade de Deus se manifestou na Terra como no Céu.

Logo depois, Jesus atravessou o Mar da Galileia até a região dos Gadarenos, onde encontrou dois homens possuídos por demônios. Ele expulsou os espíritos malignos deles (Mateus 8:28-34). Em seguida, retornou ao barco e voltou para sua cidade, onde curou um paralítico que havia sido trazido por seus amigos.

O fato de o paralítico ter seus pecados perdoados por Jesus mostra que a vontade de Deus no Céu em liberar Seu poder na Terra para curar doenças e perdoar pecados estava sendo realizada (Mateus 9:1-8).

Em nenhum momento Jesus recusou qualquer pessoa que se aproximou dele com fé; Ele sempre atendeu às suas necessidades. O Reino dos Céus na Terra reflete a disposição de Deus em perdoar pecados, curar enfermidades e libertar os oprimidos. Isso ficou evidente no ministério de Jesus e tem se expandido ao longo da história, tanto por meio de curas milagrosas quanto pelo progresso da Ciência, que também busca curar e melhorar a vida das pessoas.

A frase “assim na Terra como no Céu” reflete o desejo de que a vontade de Deus se realize no mundo com o objetivo de que todos se salvem. Jesus exemplificou isso ao viver plenamente a vontade do Pai, especialmente em Sua agonia, quando se submeteu à vontade divina.

Ao sermos salvos e santificados, somos chamados a cumprir a vontade de Deus em nossas vidas, sempre com a perspectiva da

eternidade. A oração é fundamental para discernir essa vontade e encontrar força para realizá-la, pois não basta apenas falar, é preciso agir conforme o desejo de Deus.

Portanto, ao buscarmos viver a vontade de Deus como comunidade e também individualmente, seguimos o exemplo de Cristo, pedindo que a vontade de Deus se manifeste na Igreja e em nossas vidas cotidianas.

...como no Céu...

No Céu será a vida eterna em perfeita união com a Santíssima Trindade. No Paraíso restaurado, teremos a realização dos desejos mais profundos e a felicidade plena, para a qual fomos criados. Encontraremos comunhão total de amor com a Trindade Santa, os anjos e todos os santos que, em vida, buscaram cumprir a vontade de Deus.

Jesus Cristo abriu as portas do céu através de sua morte e ressurreição, permitindo que os bem-aventurados desfrutem plenamente os frutos de sua redenção e compartilhem de sua glória. No céu, os fiéis estão totalmente unidos a Cristo, onde vivem sua verdadeira identidade.

A comunhão com a Santíssima Trindade e com todos os seres celestiais e santos em Cristo no Paraíso é um mistério que vai além da compreensão humana. Várias imagens como luz, paz e banquete são usadas para ilustrar esse estado glorioso.

Os bem-aventurados, os anjos e todos os seres celestiais no Céu continuam a realizar a vontade de Deus com alegria, reinando com Cristo por toda a eternidade. E essa vontade de Deus tem que ser feita na Terra também.

A vontade de Deus sendo feita na Terra atingirá várias esferas da vida humana. Por exemplo, quando um cristão entra na política, espera-se que ele legisle com base em princípios morais. Alguns argumentam que os cristãos devem lembrar que a moralidade é uma questão pessoal e que não deve ser imposta aos outros. Essa perspectiva sugere que é desconfortável confrontar a ideia de absolutos morais. No entanto, o problema é que toda legislação reflete a visão moral de alguém. Não há como evitar isso; sempre teremos leis que se fundamentam em uma fonte de autoridade. Essa fonte pode ser a vontade de Deus e Sua Palavra, ou pode derivar de seres humanos falíveis e pecadores.

Essa questão não se limita apenas à política. A influência cristã deve permeiar todas as áreas da vida — na família, na educação, na economia e nas relações sociais. Na esfera familiar, os valores cristãos moldam a maneira como educamos nossos filhos, enfatizando a importância do amor, do respeito e da justiça. Na educação, uma perspectiva cristã pode promover um ambiente que valoriza a verdade e a formação integral do ser humano.

Na economia, os princípios cristãos podem incentivar práticas justas e éticas, promovendo a dignidade do trabalho e o cuidado com os mais necessitados. E nas relações sociais, a visão cristã de amor ao próximo deve guiar nossas interações, promovendo a solidariedade e o serviço ao próximo.

Assim, ao considerarmos a legislação e a moralidade, devemos nos perguntar: como podemos permitir que os valores do Reino de Deus influenciem não apenas a política, mas todas as facetas da nossa vida? A resposta está em viver e compartilhar a fé de maneira integral, permitindo que a sabedoria e os ensinamentos cristãos guiem nossas ações e decisões em cada aspecto da nossa existência.

É lamentável que fomos condicionados a viver o chamado “Pietismo Cristão”. O Pietismo Cristão surgiu no final do século XVII como um movimento dentro do luteranismo, enfatizando a experiência pessoal de fé, a santidade e a devoção individual. Embora tenha contribuído para um renovado foco na espiritualidade pessoal e na vida ética, o Pietismo também apresenta algumas armadilhas que podem dificultar a realização do Reino de Deus na Terra.

Uma das principais críticas ao Pietismo é sua tendência a priorizar a experiência subjetiva sobre a verdade objetiva das Escrituras. Isso pode levar à fragmentação da comunidade cristã, onde a ênfase na espiritualidade pessoal resulta em um enfraquecimento da unidade e do testemunho coletivo da Igreja. Quando os cristãos se concentram apenas em suas experiências individuais de fé, podem negligenciar o chamado para servir ao próximo e participar ativamente na transformação social.

Além disso, o Pietismo muitas vezes se isolou do mundo, promovendo uma visão de que a verdadeira espiritualidade requer uma separação das questões sociais e políticas. Essa abordagem pode criar uma atitude de indiferença em relação aos problemas do mundo, como injustiça social, pobreza e opressão, impedindo que os cristãos se tornem agentes de mudança que manifestam o amor de Deus de maneira prática.

Por fim, ao enfatizar a moralidade pessoal, o Pietismo pode desviar a atenção dos cristãos do mandamento de pregar o evangelho e de promover o Reino de Deus em todos os aspectos da vida. Isso pode resultar em uma Igreja que é mais introspectiva do que missionária, limitando a sua eficácia em levar a mensagem de Cristo a todos os povos e em influenciar positivamente a sociedade.

Em resumo, embora o Pietismo tenha trazido importantes contribuições para a espiritualidade cristã, sua ênfase excessiva na experiência pessoal e no isolamento do mundo pode atrapalhar a

realização da vontade de Deus na Terra, desviando o foco da missão coletiva da Igreja e da transformação social que o Reino de Deus demanda.

Finalizo este Capítulo com as sábias palavras do teólogo Kenneth Gentry Jr.:

“Todos nós reconhecemos o potencial pós-milenar para duas de suas petições dramáticas: “Venha o teu reino” e “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”. Estas (e todas as petições na Oração do Senhor) estão na forma imperativa aoristo. Assim, elas expressam a urgência das súplicas e os desejos fervorosos por trás das petições.

As petições atualmente diante de nós são duas petições orientadas para o futuro pedindo que Deus traga seu reino para suportar toda a terra (o reino de Deus é seu reinado soberano). Isso finalmente acontecerá, é claro, no Último Dia na Segunda Vinda de Cristo, que traz o Julgamento Final. Esses atos de fim da história estabelecerão de forma dramática, permanente e completa os Novos Céus e a Nova Terra consumados onde habita a retidão.

Mas a semente da nova criação definitiva já começou no ministério encarnacional de Cristo, especialmente em sua ressurreição e ascensão. Pois Paulo ensina que agora somos pequenas “novas criações” (2ª Coríntios 5:17). Isso ocorre porque já fomos ressuscitados espiritualmente (João 5:24–25) em antecipação e como um indicador para nossa futura, consumada, ressurreição física (João 5:28–29). Essas e outras verdades redentoras participam do esquema “Agora, mas ainda não” da redenção do Novo Testamento. Pois o Novo Testamento ensina que (mesmo no primeiro século e continuando até hoje): já estamos experimentando “os poderes da era vindoura” (Hebreus 6:5), embora estejamos vivendo no presente, a era do “agora”.⁵

⁵ Idem nº 1.

- Capítulo 4 -

...o pão nosso de cada dia nos dá hoje

A expressão “o pão nosso de cada dia nos dá hoje” na oração do reflete a dependência do ser humano de Deus para suas necessidades diárias. Essa ideia de sustento vai além do alimento físico; simboliza a busca por algo mais profundo e duradouro.

O Senhor Jesus Cristo se apresenta como o “Pão da Vida” em João 6:35:

“Eu sou o pão da vida; quem vem a mim nunca terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede”.

Aqui, o Pão verdadeiro é uma metáfora para a satisfação espiritual que Ele oferece, contrastando com o alimento perecível. Assim, a oração nos lembra que, enquanto precisamos de sustento físico, nosso verdadeiro alimento é Jesus, que nos sustenta em todos os aspectos da vida.

Ao conectar isso ao pós-milenismo, que acredita na transformação gradual do mundo através do Evangelho e do Reinado de Jesus Cristo, podemos ver uma esperança de superação da fome e das necessidades humanas. Como já foi observa do neste e-book, os pós-

milenistas creem que a mensagem de Cristo levará a um tempo em que as injustiças, como a fome, serão amplamente resolvidas, refletindo a promessa de Apocalipse 21:4, onde não haverá mais dor nem pranto.

O cuidado social e a promoção da justiça são centrais na visão pós-milenista, incentivando a humanidade a trabalhar em conjunto, seguindo os ensinamentos de Cristo, para combater a fome e a miséria. Isso está alinhado com Provérbios como Salmos 146:7, que fala sobre Deus defendendo os oprimidos e alimentando os famintos.

A visão pós-milenista é a única capaz de gerar uma geração de crentes produtivos. Em contraste, as escatologias pessimistas podem levar as pessoas a se tornarem omissas, uma vez que suas crenças negativas sobre o futuro as desmotivam a agir. Já testemunhei casos de indivíduos que, seguindo rigidamente a ideia de que o mundo não pode melhorar para que a volta de Jesus se concretize, acabam justificando a fome e a miséria alheias, acreditando que isso contribui para o cumprimento de Mateus 24:7, que fala sobre “fomes”. O problema não reside na profecia em si, mas na interpretação equivocada dela. Um entendimento sério e saudável da Escatologia bíblica é essencial para transformar a mentalidade de muitos crentes.

Portanto, ao pedir o “pão nosso de cada dia”, reconhecemos a necessidade de Jesus como o verdadeiro sustento, e ao mesmo tempo, nos inspiramos a buscar justiça e Paz na terra, trabalhando juntos para criar um mundo onde ninguém passe necessidade.

- Capítulo 5 -

...e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como
nós também temos perdoado
aos nossos devedores...

O perdão é um elemento central na oração do Pai Nosso, especialmente na frase “perdoa as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (Mateus 6:12). Essa súplica revela a importância de estender aos outros a mesma misericórdia que desejamos receber de Deus.

Jesus enfatiza essa ideia em Mateus 6:14-15: “Se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai de vocês que está nos céus também os perdoará. Mas, se não perdoarem uns aos outros, o Pai de vocês não os perdoará”. Isso ressalta que a falta de perdão não só afeta nosso relacionamento com os outros, mas também nos afasta da graça divina.

1ª João 3:14 diz:

“Nós sabemos que temos passado da morte para a vida porque amamos os nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte”.

Aqui, o amor e o perdão são essenciais para a vida espiritual. O ódio e a falta de perdão nos mantêm em um estado de morte

espiritual, revelando como é crucial cultivar relacionamentos saudáveis e amorosos.

Ao conectar esses ensinamentos ao Pós-milenismo, podemos ver como essa visão encoraja os crentes a se envolverem ativamente na transformação do mundo. O Pós-milenismo acredita que, à medida que o evangelho se espalha, a humanidade será gradualmente redimida, promovendo justiça, paz e reconciliação. Isso inclui a prática do perdão, que é fundamental para restaurar relacionamentos e construir comunidades saudáveis. É exatamente por isso que o profeta Isaías afirmou que a humanidade alcançaria o auge da paz, a ponto de abandonar as armas de guerra:

“Ele julgará entre os povos e corrigirá muitas nações; estas converterão as suas espadas em relhas de arados e suas lanças, em podadeiras; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra”.

- Isaías 2:4

A razão pela qual a profecia de Isaías 2:4 fala sobre um futuro em que Deus estabelecerá a Paz entre as nações, a ponto de “converter as suas espadas em arados” e “as suas lanças em podadeiras”, revela uma profunda transformação no coração da humanidade, onde a desconfiança e a hostilidade serão substituídas por amor e reconciliação.

A psicologia do perdão, nesse contexto, implica uma mudança radical nas relações humanas. Quando as nações começam a perdoar umas às outras, abandonando ressentimentos e mágoas, criam um ambiente de confiança mútua. Isso permite que se vejam como irmãos e irmãs, em vez de adversários. A partir desse entendimento, a fabricação de armas se torna desnecessária, pois a verdadeira segurança se encontra na harmonia e na colaboração, não na força militar.

Esse processo de perdão envolve reconhecer as ofensas e trabalhar para superá-las, o que requer empatia e humildade. Quando as pessoas e nações se comprometem com essa prática, elas começam a construir uma cultura de paz que valoriza a vida e a dignidade humana.

Assim, Isaías nos apresenta uma visão esperançosa de um futuro em que a Paz não é apenas a ausência de guerra, mas um estado de comunhão e amor entre as pessoas. Isso nos convida a refletir sobre a importância do perdão nas nossas vidas e como essa atitude pode transformar não apenas relacionamentos individuais, mas também a sociedade como um todo.

Assim, o perdão não é apenas uma questão espiritual, mas uma prática social que pode levar à cura e à restauração no mundo. Ao adotarmos a mentalidade pós-milenista, somos chamados a viver de maneira que reflita o amor de Cristo, ajudando a superar a divisão e a discórdia, e promovendo um ambiente onde todos possam experimentar a graça e o perdão.

Assim, a Oração do Pai nosso e o ensino geral da Bíblia nos ensina que “a crença na pessoa e na obra de Jesus Cristo leva à justificação (João 3:16; João 6:47; 1 João 5:1–5; Romanos 4:1–3; 1 Coríntios 15:1–4). Um pedido repetido de perdão não é necessário para a salvação neste sentido. A confissão de pecados e os pedidos de perdão após a salvação são para o propósito de um relacionamento saudável com Deus. Devemos pedir a Deus que perdoe nossas dívidas para a continuação e o fortalecimento da nossa comunhão com Ele. Uma oração diária para que Deus “perdoe nossas dívidas” não é necessária para a justificação, mas é um aspecto do contínuo processo de santificação”.⁶

⁶ Por que devemos pedir a Deus que nos perdoe as nossas dívidas (Mateus 6:12)? GotQuestions. Site: <https://www.gotquestions.org/Portugues/perdoe-nos-nossas-dividas.html> Acessado dia 11/10/2024

- Capítulo 6 -

...e não nos deixes entrar em tentação;
mas livra-nos do mal

A parte da oração do Pai Nosso que diz “não nos deixes entrar em tentação; mas livra-nos do mal” (Mateus 6:13) tem um significado profundo. Ela expressa a nossa dependência de Deus para resistir às tentações e superar as forças do mal. Ao pedir para não sermos levados à tentação, estamos reconhecendo nossa fragilidade humana e a necessidade de orientação da parte de Deus.

Na perspectiva pós-milenista, essa oração se conecta à crença de que o mundo pode melhorar à medida que os crentes se engajam ativamente na transformação espiritual e social. O Pós-milenismo sustenta que, através da propagação do evangelho e do reinado de Cristo, as pessoas podem experimentar uma crescente vitória sobre o pecado e as injustiças. Quando pedimos a Deus para nos livrar da tentação, estamos, na verdade, buscando uma vida que reflita os valores do Reino de Deus, que é caracterizado por amor, justiça e paz.

Essa libertação da tentação e do mal é um processo que transforma não apenas o indivíduo, mas também as comunidades em todo o mundo. À medida que mais pessoas buscam essa libertação, elas começam a agir de maneira a construir um mundo melhor, onde os conflitos são resolvidos pacificamente e onde a justiça social

prevalece. Isso cria um ambiente propício para o florescimento da bondade e da colaboração, levando a melhorias nas relações interpessoais e nas estruturas sociais.

Assim, a oração nos ensina que, ao nos entregarmos a Deus e pedirmos ajuda para resistir ao mal, estamos contribuindo para a construção de um futuro melhor, onde as tentações e as injustiças não têm mais lugar. Essa visão esperançosa é essencial para a compreensão do papel do crente na sociedade e para a realização do plano de Deus para a humanidade.

A oração do Pai Nosso, de acordo com Santo Tomás de Aquino, produz três efeitos benéficos:

“Em primeiro lugar, a oração é um remédio eficaz contra diversos males. Ela nos liberta do pecado já cometido; exemplos bíblicos como o ladrão na cruz e o publicano mostram como a oração conduz ao perdão e à justificação. Além disso, a oração nos liberta do medo dos pecados futuros, das tribulações e das tristezas. Ela também nos protege das perseguições e dos inimigos.

Em seguida, a oração é eficaz para alcançar todos os desejos. Jesus nos ensinou que tudo o que pedirmos com fé receberemos. No entanto, se não somos ouvidos, é porque não pedimos com insistência ou porque não pedimos o que é mais útil para nossa salvação. Lembra-nos Santo Agostinho que o Senhor é bom, pois Ele muitas vezes não concede o que queremos, mas sim o que realmente precisamos. Paulo, por exemplo, pediu três vezes para ser libertado de um espinho na carne, e não foi atendido.

Por fim, a oração é útil porque nos torna íntimos de Deus. Ela nos aproxima da presença divina e estabelece uma relação de intimidade com o Pai: “Suba minha oração como incenso à tua presença” [Salmo 141:2]. Ao nos dirigirmos a Deus como Pai na

oração do Pai Nosso, expressamos essa proximidade e comunhão com Ele”.⁷

⁷ A Oração do Pai Nosso. Redação MBC. Site: https://bibliotecacatolica.com.br/blog/formacao/pai-nosso/#footnote_18_5258
Acessado dia 11/10/2024

- Conclusão -

Porque teu é o reino e o poder,
e a glória, para sempre, Amém.

O grande filósofo cristão São Tomás de Aquino nos oferece uma visão rica sobre a oração, destacando que ela deve ser segura, correta, ordenada, devota e humilde. Esses princípios podem ser encontrados na oração do Pai Nosso e têm implicações profundas para a construção de um mundo cristianizado, conforme a doutrina do pós-milenismo.

A oração do Pai nosso traz segurança, pois deve ser feita com a certeza de que Deus nos ouve e atende nossas necessidades. O Pai Nosso começa com uma invocação a um Pai amoroso, estabelecendo uma relação de confiança. Em um mundo cristianizado, essa confiança se traduz em uma comunidade que acredita na Soberania de Deus e na sua capacidade de transformar vidas e sociedades, promovendo esperança e ação.

A segurança que encontramos na Oração do Pai Nosso está intrinsecamente ligada à crença em Deus, conforme expresso no Credo Apostólico. A declaração “Pai Nosso” não é apenas uma invocação; é uma afirmação de fé que reconhece Deus como nosso Pai, um princípio fundamental que sustenta a vida cristã e a esperança no mundo.

O Credo Apostólico começa com a afirmação de fé em “Deus Pai”, o que nos lembra que, ao nos dirigirmos a Ele em oração, estamos reafirmando nossa crença em um Deus que é amoroso e provedor. Essa confiança nos permite nos aproximar de Deus com segurança, sabendo que Ele está atento às nossas necessidades e que podemos depositar nele nossas ansiedades e esperanças.

Essa relação paterna não apenas nos fortalece individualmente, mas também estabelece uma base para uma sociedade mais justa e solidária. Quando reconhecemos Deus como nosso Pai, somos chamados a viver em comunidade, promovendo o amor, a compaixão e a justiça. Essa é a essência do que a crença em Deus pode oferecer ao mundo: um senso de unidade e propósito que transcende as divisões humanas.

A oração do Pai Nosso, portanto, não apenas expressa uma conexão pessoal com Deus, mas também alinha-se ao Credo Apostólico, que fundamenta a vida da Igreja e a Fé Cristã. Ao nos dirigirmos a Deus como “Pai Nosso”, estamos, de fato, reafirmando nossa crença em um Deus que é acessível, que se importa conosco e que nos convida a participar ativamente na transformação do mundo.

Em um contexto pós-milenista, essa visão de Deus como Pai é essencial. Ela nos inspira a acreditar que, através da ação do Evangelho, podemos trabalhar juntos para criar uma sociedade onde os valores do Reino se manifestem, promovendo Paz e Justiça. Assim, a crença em Deus e a segurança da Oração do Pai Nosso tornam-se fundamentais para a construção de um futuro melhor, refletindo a esperança de um mundo transformado pela graça divina.

Correção: A oração deve ser feita de maneira correta, em conformidade com a vontade de Deus. O Pai Nosso orienta os crentes a buscar o Reino e a justiça divina. No contexto pós-milenista, isso implica que a igreja e os cristãos se empenhem em

promover a justiça social e a moralidade, moldando a sociedade de acordo com os valores do Evangelho.

Ordem: A oração é uma expressão de ordem espiritual. O Pai Nosso organiza nossos pensamentos e desejos, alinhando-nos com a vontade divina. Em uma sociedade cristianizada, essa ordem se reflete na busca por uma vida harmoniosa, onde a moralidade e os ensinamentos de Cristo guiam as interações humanas, criando um ambiente de paz e cooperação.

Devoção: A devoção é essencial na oração. O Pai Nosso nos convida a reconhecer a grandeza de Deus e a nos submetermos à sua vontade. Em um mundo pós-milenista, essa devoção leva os cristãos a se envolverem ativamente em suas comunidades, promovendo a compaixão e o serviço ao próximo, refletindo o amor de Cristo em ações concretas.

Humildade: A humildade é fundamental na nossa abordagem a Deus. Ao pedirmos perdão e reconhecermos nossas limitações, como expresso na oração, estamos abertos à transformação. Em um cenário cristianizado, a humildade fomenta um espírito de reconciliação e compreensão, essencial para superar divisões e construir um futuro de Paz.

Em resumo, a Oração do Pai Nosso, quando entendida à luz das cinco características propostas por São Tomás de Aquino, serve como um guia para a formação de um mundo melhor. A prática desses princípios pode levar a uma sociedade que vive os valores do Reino de Deus, promovendo a Justiça, a Paz e a Compaixão em um contexto pós-milenista, onde a esperança de um futuro transformado se torna uma realidade palpável.

- Adendo -

Oração Pós-milenar

Por Chalcedon Editorial
13 de dezembro de 2018

Há um velho ditado que diz: "Ore como se tudo dependesse de Deus, mas trabalhe como se tudo dependesse de você". Como cristãos reformados que buscam cumprir a missão de reconstrução piedosa, é precisamente assim que devemos viver, porque a oração não se opõe ao trabalho, e o trabalho não se opõe à oração.

Se a oração é falar com Deus, então a nossa vida de oração é mais vital quando é mais frequente, quando os nossos corações e mentes prontamente e constantemente invocam a Deus em todo o tipo de situação.¹

Há um velho ditado que diz:

“Ore como se tudo dependesse de Deus, mas trabalhe como se tudo dependesse de você”.

Como cristãos reformados que buscam cumprir a missão de reconstrução piedosa, é precisamente assim que devemos viver, porque a oração não se opõe ao trabalho, e o trabalho não se opõe à oração. Como Rushdoony escreveu uma vez:

“A oração não é um substituto para a ação, mas seu acompanhamento”.²

É isso que nos diferencia dos pietistas que enfatizam a vida devocional e contemplativa a ponto de o trabalho cristão na ordem social ser diminuído. Novamente, oração e trabalho devem trabalhar juntos, e como Rushdoony observa, “Colocar a vida contemplativa contra a vida ativa é abstracionismo e estranho às Escrituras”.³

Mas como oração e ação funcionam juntas? Muito simples. Oramos enquanto estamos em ação!

Orar é como respirar; é parte da vida do cristão e básico para ela. É mais do que uma oração formal, por mais importante que seja. É uma abertura contínua a Deus em todo o nosso ser. Em vez de falarmos conosco mesmos ao longo do dia, falamos com Deus, orações de sentenças, pedidos momentâneos de ajuda, graça ou força, palavras rápidas de agradecimento ou expressões de necessidade, tudo isso e muito mais. Essa oração de sentenças constante nos dá a maior liberdade e vantagem na oração, porque é a prática da presença de Deus, da nossa consciência dela. Sua maior recompensa é a crescente consciência de que Deus está mais perto de nós do que nós de nós mesmos.⁴

A Prática da Presença de Deus

Se você está familiarizado com os clássicos devocionais, você pode reconhecer o aceno de Rushdoony ao francês do século XVII, Irmão Lawrence, cujo pequeno volume *The Practice of the Presence of God* ainda vende bem hoje. A diferença entre Rushdoony e Lawrence é que Rushdoony via a oração e a devoção como um meio de se envolver melhor com o mundo, enquanto monges e místicos viam a oração como um meio de sobreviver ao mundo. O pós-milenismo de Rushdoony sempre infundiu sua prática de oração:

O hábito de orações contínuas tirará o homem desses tempos maus e lhe dará graça e poder para triunfar sobre o espírito da época e muito mais.⁵

No Salmo 16:8, Davi escreveu:

“Tenho posto o Senhor sempre diante de mim; porque ele está à minha direita, não serei abalado”.

Esta é uma confissão simples, mas notável, e que comunica uma fé tremenda da parte de Davi. Ele viu o Senhor como estando à sua direita, e isso foi algo que Davi fez intencionalmente. Ele disse que sempre colocava o Senhor diante de si, e por causa da confiança que a visão proporcionava, Davi não era movido pelo que via fisicamente.

Como Rushdoony viveu de forma semelhante, isso ajuda a explicar sua fé extraordinária na vitória de Deus na história, bem como seu compromisso inabalável com seu chamado em Calcedônia. Rushdoony incluiu Deus em todas as situações, e esse relacionamento com seu Senhor permitiu que o estudioso trabalhasse incansavelmente até o dia em que faleceu.

A oração é orientada para o futuro

Não é esse o nosso exemplo a seguir? Só oramos antes das refeições, com a família ou na igreja? Ou demonstramos uma dependência focada em nosso Senhor sempre presente, levando todas as nossas preocupações a Ele enquanto agradecemos por tudo o que Ele provê?

Nosso Senhor disse que deveríamos orar para que o Reino de Deus venha e para que Sua vontade seja feita na terra como no céu (Mateus 6:10), mas essa oração é predominantemente rezada liturgicamente e

não é uma oração de santo desespero por parte do povo de Deus. Talvez isso se deva à escatologia mantida pela maioria dos cristãos. Se o evangelho deles não é de vitória na história, então por que orar fervorosamente para que o Reino venha e a vontade de Deus seja feita na terra?

Como somos pós-milenistas com um chamado ao domínio, então tal oração deve ser central em todos os nossos momentos. Devemos continuamente invocar a Deus que nunca se cansa de ouvir de Seus filhos que estão focados em Seu Reino vindouro. Como Rushdoony disse:

“A oração é orientada para o futuro. Se não oramos, somos indiferentes ao futuro ou sentimos que Deus é irrelevante para ele”.⁶

Devemos andar vestidos com a armadura de Deus (Efésios 6:13) e preparados para lutar contra o reino das trevas e sua cidade do homem. Embora os tempos possam ser difíceis, eles estão cheios de oportunidades para exercer domínio divino começando com nossa oração incessante. Peçamos a Deus por grandes coisas. Invoquemos a Ele para derrotar o espírito da era e clamemos para que o domínio seja concedido aos justos.

[1] R. J. Rushdoony, *Good Morning, Friends: A Collection of Radio Messages* by R. J. Rushdoony, Volume 3 (Vallecito, CA: Ross House Books, 2018), p. 113.

[2] R. J. Rushdoony, *Systematic Theology in Two Volumes* (Vallecito, CA: Ross House Books, 1994), p. 1204.

[3] *ibid.*, p. 1201.

[4] *ibid.*, p. 1204.

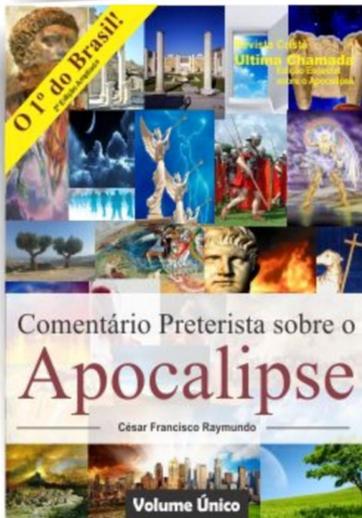
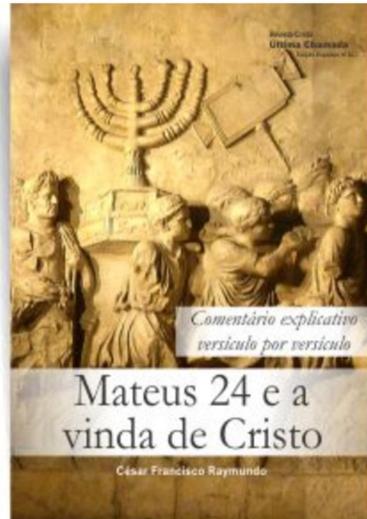
[5] *ibid.*

[6] *ibid.*, p. 1211.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Crisã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



revista crisã
última chamada

Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista crisã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?